

6. O desejo da vontade do Pai

O que é o desejo, se não o ardor da vontade, um querer intensamente, um desejo que tende a um fim, a um objetivo? Mas o ardor da vontade de Jesus era a comunhão do desejo com o Pai. Também a vontade do Pai é ardente de desejo, é um fogo que arde com um propósito, para uma realização. A vontade do Pai é um amor ardente pelos homens, a quem Jesus adere com toda a sua vontade, ao ponto de não querer outra vontade, se não a do Pai: "Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia." (Jo 6,38-39)

E Jesus, ao longo de sua vida, não faz mais do que atrair os homens a aderir ao seu desejo pela vontade do Pai, ao seu ardor pelo cumprir-se a vontade do Pai. Por isso apresenta sempre a vontade do Pai como uma realidade fascinante, apaixonante, que atrai. A vontade do Pai, como Jesus a apresenta, fala e vive, é revelada em toda a sua bondade e poder, é revelada como o verdadeiro bem para todos, até mesmo para as aves do céu e flores dos campos, até para cada fio de cabelo que cai de nossa cabeça (cfr. Mt 10,29-30)! Ouvindo Jesus, olhando Jesus, o coração do homem se enche do desejo que se cumpra a vontade de Deus. E o desejo é um querer tenso, intenso e ardente. Uma "vontade", isto é uma escolha da nossa liberdade. Como a apresenta Jesus, como Jesus a comunica, a vontade do Pai não é mais percebida como uma mortificação da liberdade –como acreditavam Adão e Eva–, mas como um fogo que ilumina a nossa liberdade, tornando-a viva, ativa, isto é, verdadeiramente si, verdadeiramente livre.

A escolha do pecado, da concupiscência, não exalta a liberdade, pois o que se deseja com concupiscência arrasta a liberdade, como um escravo acorrentado, arrastado por seu patrão. São João recorda em sua primeira carta, falando da vontade do Pai em termos de amor: "Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre." (1 Jo 2,15-17)

A liberdade que se une à vontade do Pai entra na vida eterna, em uma liberdade sem limites, que não passa, que não sofre mais nada, que não é mortificada por mais nada, nem mesmo pela morte. É a esta liberdade que Jesus nos convida, é nesta liberdade que nos acompanha, nos propondo o encanto de seu desejo de se abandonar até o fim, à vontade do Pai bondoso.

Há um aspecto peculiar que Jesus insiste em nos transmitir a sua paixão pela vontade do Pai: a familiaridade com Ele, que a obediência torna possível:

"Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E, estendendo a sua mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, quem fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe." (Mt 12,48-50)

Jesus vincula intimamente o fazer a vontade do Pai com ser íntimos, amigos e familiares seus. Ninguém nos é mais familiar que nossa mãe, nossos irmãos e irmãs. E para ser familiar de Jesus como foi Maria, a condição é cumprir a vontade do Pai. Porque nada é mais amável a Cristo quanto aquilo que deseja seu Pai, quanto o Pai e a sua vontade, sua liberdade, seu plano de salvar o mundo.

Quando amamos uma pessoa, se verdadeiramente a amamos como pessoa e não como objeto de interesse e de prazer egoísta, amamos a sua liberdade e, portanto, sua vontade. Mas a vontade não é capricho. Tem quem pensa amar sendo escravo de todos os caprichos da pessoa amada. O capricho, porém, não é expressão da liberdade de uma pessoa. Pelo contrário: os caprichos são os desejos os quais uma pessoa é escrava e, para satisfazer, tende a escravizar todos os outros, especialmente as pessoas mais próximas afetivamente. A vontade de uma pessoa, ao invés, é a sua liberdade, enquanto destinada ao objetivo final de sua vida, enquanto destinada a realizar aquilo pelo qual vive, pelo qual a vida nos foi dada para ser doada. A vontade nos foi dada por Deus, para nos levar a amar até o fim, para doar toda a vida. Para Jesus, a vontade do Pai era o tesouro mais precioso, era o objeto contínuo do seu amor, sua atenção, meditação e escuta das Escrituras. Jesus sempre vivia propenso a abraçar, com a sua liberdade, a vontade do Pai.

A vontade do Pai, para Jesus, era como a luz que iluminava toda a realidade, que dirigia seus caminhos, que dava sentido a cada circunstância, encontro, cada palavra que dizia e ouvia. Jesus se saciava com a vontade do Pai, não precisava de outro alimento: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e cumprir a sua obra" (Jo 4,34). Por isso era totalmente livre de tudo e de todos. A sua liberdade era a sua obediência ao Pai; a sua libertação estava em deixar-se guiar e orientar constantemente pela vontade do Pai. Não era submisso a qualquer pressão de tempos e espaços, porque o seu "relógio" e sua "bússola" eram o contínuo sintonizar-se com a vontade de Deus. E tinha com a vontade do Pai uma relação tão viva, tão pouco formal e esquemática, que para Ele esta era motivo de contínua admiração, de maravilha contínua. Era como se a vontade do Pai fosse sempre uma novidade surpreendente, mesmo que na realidade a conhecesse desde a eternidade. Mas a eternidade é o presente de Deus, uma dimensão em que nada envelhece, em que tudo é sempre novo, uma novidade que nunca cessa de ser novidade. Por isso Jesus vivia tudo com admiração, especialmente quando via a vontade do Pai penetrar os detalhes menores e insignificante da experiência humana, e inspirar as pessoas e os corações mais simples, pobres e pequenos aos olhos do mundo: "Te louvo, Pai, Senhor do Céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi de Teu agrado, na Tua benevolência" (Mt 11,25-26).